

Infinidade Afirmativa – Afirmção Infinita

Considerações matemáticas e filosóficas no *Sistema de Würzburg* de Schelling*

Christoph Binkelmann

Bayerische Akademie der Wissenschaften (Munique, Alemanha)

ABSTRACT: This article aims at bringing to light that Schelling’s reflections concerning mathematical infinity in the *Würzburger System* from 1803-1806 in a certain sense anticipate and/or elucidate some aspects of the debate concerning actual infinity carried forth by intuitionists and formalists in the early 20th century. The argument departs from a consideration of Spinoza’s concept of (positive) infinity as affirmation and of Fichte’s partial spinozist influence pertaining the concept of the absolute I, and this in order to show how Schelling gave form to his own concept of infinity by means of a critique of potential infinity in Fichte and of a reinterpretation of actual infinity in Spinoza. By this strategy, it becomes clear how much Schelling’s Platonism – concerning the ideality, or symbolic character of mathematical objects – radically differs, e.g., from Frege’s Platonism..

KEYWORDS: Platonism; logicism; intuitionism; constructivism; formalism; actual infinity.

1. Abertura matemática

Há cerca de 100 anos, a “querela acerca do infinito” (de acordo com uma formulação do teórico dos conjuntos Adolf Fraenkel¹) abalou os fundamentos da matemática. A tão apreciada opinião “ingênua” da matemática como uma ciência segura, se não como a mais segura das ciências, deu lugar a perguntas sobre o que se entende por método, objeto e objetivo dessa ciência. O motivo e o desencadeamento desta crise foi aquela posição ou convicção, designada mais tarde e ocasionalmente de modo pejorativo como *platonismo*. Não apenas Georg Cantor, mas também Gottlob Frege pressupunham que a ideia do infinito, assim como inúmeras outras ideias ou conceitos na matemática, realmente existiam, no sentido de um infinito atual – fora do espaço, do tempo e do entendimento humano. Com isso, eles envolveram as disciplinas matemáticas básicas, como a teoria dos conjuntos e a aritmética, em

* Artigo recebido em 10 de setembro e aprovado para publicação em 25 de outubro de 2020. Tradução do alemão de Márcia Gonçalves e revisão de Fábio Nolasco.

¹ FRAENKEL, A. Der Streit um das Unendliche in der Mathematik. *Scientia*, 38 (1925), pp. 141–152, 209–218.



contraditoriedades – as chamadas antinomias. Aquela que alcançou a maior fama foi a antinomia de Russell sobre o conjunto (infinito) de todos os conjuntos que não contêm a si mesmo.² Até mesmo a tentativa de Frege de dar à matemática um novo fundamento sentia-se comprometida com o chamado *logicismo*, que pretendia justificar e derivar todas as afirmações matemáticas da lógica. Mas aí, constantemente, o infinito atravancava o caminho: depois do fracasso de Frege, Bertrand Russell queria iniciar uma nova tentativa, mas tropeçou no axioma da infinidade. Como sozinho não conseguia avançar com axiomas logicamente-evidentes, ele estabeleceu um axioma que postulava a existência de conjuntos infinitos. Muitos duvidavam de que, com esse axioma, ele permaneceria no campo das afirmações evidentes que se deviam ao pensamento puro, ou seja, à lógica.

Na vanguarda dos críticos estava o *intuicionismo* ou o *construtivismo*, que só queria permitir aquilo que o espírito humano imediatamente intui ou sabe construir. Objetos matemáticos nunca existem além dessa construção. Portanto, a suposição da existência e a ideia do infinito atual, que certamente não pode ser construído, devem ser rejeitadas, bem como todos os enunciados cuja prova se baseia nessa suposição de existência. Para o intuicionismo, em um procedimento de demonstração as soluções têm que ser positivamente construídas e, conseqüentemente, também não podem ser inferidas *ex negativo* – a partir, por exemplo, da proposição do terceiro excluído. Por todos esses motivos, o infinito atual teve de ser definitivamente abandonado pela matemática.

Muito diferente é o ponto de partida da última posição mais assertiva, do *formalismo*, que as inferências foram igualmente repelidas diante do infinito atual. A consideração da matemática como uma linguagem de fórmulas fundada em axiomas evidentes (mas não apenas lógicos), os quais, por meio de regras e modos de procedimento, permitem derivar todas as proposições verdadeiras, dispensa inteiramente enunciados ontológicos. Na matemática trata-se, portanto, apenas de sistemas formais, cuja completude e ausência de contradição (*Widerspruchsfreiheit*) são o único objetivo da prova. Assim, mesmo que o axioma da infinidade seja adotado por David Hilbert, o principal representante do formalismo, ele ainda é apenas tomado como fórmula com sentido, que é formulada segundo regras, e que deve conduzir a uma teoria livre de contradições.

Esta curtíssima abertura, ao estilo “staccato”, teve a intenção de ajudar na alusão das palavras-chave provenientes de uma querela fundamental ocorrida na matemática acerca do

² Cf. BEDÜRFTIG, T. e MURAWSKI, R. *Philosophie der Mathematik*. 4ª. ed., Berlin e Boston: De Gruyter, 2019, p. 100.

infinito atual, palavras essas que – como será mostrado – já eram empregadas cem anos antes, ao se tratar da infinidade: platonismo, logicismo, intuicionismo/construtivismo e formalismo, demonstram ser assim componentes importantes de um discurso sobre o infinito (atual ou potencial). Se escolhermos o exemplo da filosofia de Friedrich Wilhelm Joseph Schelling, como deve acontecer a seguir, torna-se questionável, no entanto, se uma separação das palavras-chave em posições opostas faz sentido, ou se devido a essa separação não se perde exatamente a dimensão completa do infinito. Schelling – tanto quanto se sabe – preservará todas as palavras-chave acima mencionadas como aspectos do infinito que apenas quando considerados conjuntamente permitem uma visão abrangente – inclina-se a dizer: uma visão infinita – do infinito. Neste momento, no entanto, não se deve levar muito a sério a afirmação de que a querela fundamental na matemática poderia ter sido evitada por meio de uma leitura de Schelling.

2. *Intermezzo filosófico*

Em suas preleções ministradas entre 1803 e 1806 na Universidade de Würzburg, intituladas *Sistema da filosofia completa e da filosofia da natureza em particular*, que habitualmente chamamos de *Sistema de Würzburg*, Friedrich Wilhelm Joseph Schelling desenvolveu uma teoria da infinidade como em nenhuma outra de suas obras. Inicialmente darei aqui sobre isso apenas uma prova quantitativa – que hoje em dia, em geral, já é suficiente: o termo “infinito” é usado mais de 1000 vezes nessas preleções (isso significa mais de duas vezes por página, em cerca de 450 páginas). Mas também qualitativamente essas preleções têm muito a oferecer.

A discussão de Schelling com o infinito, tal como é apresentado desde o início no *Sistema de Würzburg*, segue uma linha de tradição que vai de Baruch de Spinoza, passando por Friedrich Heinrich Jacobi, até alcançar Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Em *Fé e Saber* (1802), Hegel defendeu a concepção de Spinoza do “*infinitum actu*” – do infinito atual – contra os ataques e mal-entendidos de Jacobi. Sobre isso ele diz: “Spinoza define o infinito (Eth. P. I. Pr. VIII. Sch. I.) como a absoluta afirmação da existência de uma natureza qualquer; o finito, ao contrário, como negação parcial.”³ Por meio do conceito spinozista da (absoluta) afirmação,

³ No original: “Das Unendliche definiert Spinoza (Eth. P. I. Pr. VIII. Sch. I.) als die absolute Affirmation der Existenz irgend einer Natur; das Endliche im Gegentheil als theilweise Verneinung.” HEGEL, G. W. F. **Glauben und Wissen**. In: *Gesammelte Werke*, vol. 4. Ed.: Hartmut Buchner e Otto Pöggeler. Hamburg: Meiner, 1968, p. 354.

Hegel distingue a infinidade afirmativa (atual) da infinidade negativa (potencial), a qual não abandona a esfera do finito. Além disso, ele conecta este último com a imaginação (*Imagination*), da qual ele é produto, enquanto a infinidade afirmativa só pode ser compreendida por meio do pensamento. Spinoza já havia usado para tanto a justaposição de *imaginari* e *intelligere (intellectio)*.

A infinidade potencial e, portanto, finita, que Hegel também chama de empírica, de modo nenhum fundamenta algo que seria em si mesmo um “tempo eterno”, uma “finitude infinita” – tal como Jacobi erroneamente atribui a Spinoza. Uma vez que é constituída por coisas finitas que não existem em si, ela também não existe em si;⁴ pelo contrário, ela pertence unicamente à esfera da imaginação, a qual só produz um não-ente (*Nicht-Seiendes*). A única e verdadeira realidade não pertence assim – como frequentemente e sem razão é afirmado, possivelmente de forma mais plausível para o senso comum – à infinidade empírica, mas, ao contrário, à infinidade atual, que necessariamente existe, posto que seu conceito implicaria o ser.

É exatamente a esta discussão que Schelling se filia quando, no § 16, por meio da máxima “*O absoluto é propriamente infinito*” (*Das Absolute ist schlechthin unendlich*), introduz o conceito de “infinidade duplicada” (*gedoppelten Unendlichkeit*)⁵: Ao lado de uma infinidade no espaço, tempo ou séries causais, haveria a “infinidade de Deus”, que é “a absoluta afirmação de si mesma como uma realidade infinita.”⁶ Se seguirmos o conceito de infinidade de Spinoza como a afirmação (*Affirmation*) incondicionada da existência de uma natureza ou de uma essência (*Wesen*), esta só pode corresponder à substância divina, para a qual vale [o seguinte]: “O absoluto é aquilo que imediatamente por meio de sua ideia também é, ou ele é aquilo a cuja ideia pertence *ser*, cuja ideia é portanto a afirmação imediata do ser.”⁷ É assim que o conceito é adotado por Schelling no *Sistema de Würzburg*. Com isso, no absoluto, a ideia se evidencia como aquilo que afirma (absolutamente, infinitamente) a existência do absoluto, do afirmado. Ideia e ser, *essentia* e *existencia*, não podem ser fixadas como momentos separados do absoluto; ao contrário, no absoluto, coincidem afirmante e afirmado, essência e ser – ou segundo uma terminologia intensivamente utilizada um pouco antes: essência e forma,

⁴ HEGEL. *Glauben und Wissen*, p. 355.

⁵ SCHELLING, F.W.J. *System der gesamten Philosophie und der Naturphilosophie insbesondere*. In: *Sämmtliche Werke*. Ed.: Schelling, K.F.A. Vol. VI. Stuttgart e Augsburg: Cotta, 1860, p. 160.

⁶ SCHELLING. *System der gesamten Philosophie*, p. 160

⁷ No original: “Das Absolute ist dasjenige, welches unmittelbar durch seine Idee auch *ist*, oder es ist dasjenige, zu dessen Idee es gehört zu *seyn*, dessen Idee also die unmittelbare Affirmation von *Seyn* ist.” SCHELLING. *System der gesamten Philosophie*, p. 149.

sujeito e objeto. O absoluto, enquanto unidade abrangente, tem que ser chamado propriamente de afirmação (absoluta).

Assim como Spinoza, Schelling também usa o conceito de afirmação como sinônimo do conceito de posição, tal como o sugere, não em última instância, o conceito oposto comum da negação. Este fato aparentemente inconsequente abre caminho para Schelling, assim como também para Hegel, para pôr a filosofia da substância de Spinoza em unidade com a filosofia do sujeito de Fichte – e, assim, estabelecer uma filosofia da identidade indiferente ao realismo e idealismo. Finalmente, a determinação fundamental do eu em Fichte está em completa analogia com a definição de substância de Spinoza: “*Aquilo cujo ser (essência) consiste meramente no fato de que ele põe a si mesmo como sendo é o eu enquanto sujeito absoluto.*”⁸ Em uma perspectiva idealista, Schelling interpreta, portanto, o pensamento ‘realista’ da autoafirmação de Deus como um autoconhecimento (razão): “*A autoafirmação de Deus também pode ser descrita como um autoconhecimento.*”⁹ Ou, em termos conhecidos: A afirmação infinita não é nada mais que intuição intelectual, na qual, imediatamente, a partir do pensamento, da contemplação, segue-se um ser onde a infinidade está imediatamente presente. Esta descrição já se encontra no *Fé e Saber* de Hegel, na passagem acima citada.¹⁰

A referência a Fichte introduz agora também uma dimensão lógica no conceito de afirmação, que este já possui desde a antiguidade. Para Aristóteles a *Kataphasis* – o equivalente grego para afirmação – denota uma sentença enunciativa, na qual um predicado é atribuído a um sujeito como *afirmante* (*bejahend*).¹¹ Schelling encontrou esse pensamento, entre outros, no lógico Wilhelm Gottfried Ploucquet, que aguçou ainda mais uma interpretação da predicação, característica da lógica da identidade: “*Intellectio identitatis subjecti & praedicati est Affirmatio.*”¹² Como já foi muitas vezes discutido pelos pesquisadores, é costume no idealismo alemão interpretar sujeito e predicado como expressão de sujeito e objeto.¹³

⁸ No original: “*Dasjenige dessen Seyn (Wesen) blos darin besteht, daß es sich selbst als seyend, setzt, ist das Ich, als absolutes Subjekt.*” FICHTE, J. G. **Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre**. In: J. G. Fichte-Gesamtausgabe der Bayerischen Akademie der Wissenschaften. Ed. por Lauth, R. e Jacob, H., vol. I/2. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1965, p. 259.

⁹ No original: “*Die Selbstaffirmation Gottes kann auch als ein Selbsterkennen beschrieben werden.*” SCHELLING. **System der gesamten Philosophie**, p. 168.

¹⁰ HEGEL. **Glauben und Wissen**, p. 354.

¹¹ Cf. ARISTÓTELES. **De interpretatione**, 17a 25–26.

¹² PLOUQUET, W. G. **Expositiones philosophiae theoreticae**, Stuttgart: Metzler, 1782, p. 3. – N.T.: Em latim no original. Tradução livre: a intelecção da identidade entre o sujeito e o predicado é a afirmação.

¹³ Cf. Frank, M. ‘**Reduplikative Identität**’. **Der Schlüssel zu Schellings reifer Philosophie**. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2018, pp. 122-127.

A relação da afirmação com a enunciado de identidade não constitui, no entanto, um mero caso especial da forma proposicional. Em vez disso, na filosofia da identidade, *todas* as afirmações são enunciados de identidade. Assim, como se sabe, Fichte desenvolve na *Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre* o princípio supremo do eu = eu a partir do enunciado de identidade $A = A$ irrefutavelmente verdadeiro. Esse procedimento não serve apenas para gerar uma verdade filosófica a partir de uma verdade lógica, a qual pode, com isso, reivindicar o mesmo status da verdade a priori. Ao contrário, por meio do princípio supremo, todas as proposições derivadas mantêm sua verdade ou certeza, transmitidas por meio da derivação (dedução). No “eu sou”, Fichte reconhece, portanto, também um juízo *infinito*. Schelling atribui a este pensamento de Fichte um enorme significado, como pode ser visto em muitos escritos das mais diversas fases de seu pensamento: “*Toda afirmação ou – o que é o mesmo – todo conhecimento é verdadeiro, o que expressa mediatamente ou imediatamente a identidade absoluta do objetivo e subjetivo.*”¹⁴

Paralelamente, ecoa ainda um significado ‘prático’ da afirmação, que ela também possui em Spinoza. Em uma passagem de sua *Ética* ele define a vontade (*voluntas*) como uma faculdade de afirmar (*facultas affirmandi*) e, naturalmente, também de negar.¹⁵ Mais tarde, Schelling irá se referir a esta passagem explicitamente,¹⁶ porém, ele adota esse pensamento e o desenvolve continuamente: a autoafirmação de Deus, entendida como a posição de seu próprio ser, que, como acima citado, pode ser descrito como um autoconhecimento, precisa ser interpretada, ao mesmo tempo, como um (auto-)querer. A famosa máxima “querer é ser originário” (*Wollen ist Urseyn*)¹⁷ do *Freiheitsschrift* de 1809 já ressoa aqui, pois o ser (essência) de Deus consiste apenas em querer seu ser (existência). Todas as coisas, que são verdadeiramente – diga-se: em Deus – participam com isso dessa autoafirmação: nisso se fundamentam as explicações da filosofia prática.

Resumindo e generalizando, pode-se dizer que: a infinidade afirmativa se expressa em uma *autorreferencialidade* metafísica, lógica e prática, segundo a qual o referente

¹⁴ No original: “*Jede Affirmation oder, was dasselbe ist, jede Erkenntniß ist wahr, die mittelbar oder unmittelbar die absolute Identität des Objektiven und Subjektiven ausdrückt.*” SCHELLING. **System der gesamten Philosophie**, p. 497.

¹⁵ SPINOZA, B. **Die Ethik nach geometrischer Methode dargestellt**. Ed.: Schottländer, R. Hamburg: Felix Meiner, 1967, p. 98 (Parte II, Teorema 48, Observação).

¹⁶ SCHELLING, **Philosophie der Offenbarung**. In: *Sämmtliche Werke*, vol. XIII, p. 117.

¹⁷ SCHELLING, **Philosophische Untersuchungen über das Wesen der menschlichen Freyheit und die damit zusammenhängenden Gegenstände**. In: F.W.J. Schelling. *Historisch-kritische Ausgabe der Bayerischen Akademie der Wissenschaften*, vol. I, 17. Ed. por Binkelman, C., et. al. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2018, p. 123.

(*Beziehendes*) e o referido (*Bezogenes*) são um [só]. O que é central, no entanto, é que essa auto referência ocorre sem um fora ou sem um oposto: infinito é somente aquilo que não tem o finito fora de si – caso contrário, ele seria limitado e, portanto, finito. Especialmente para Hegel, mas também para Schelling, Kant e principalmente Fichte só conseguiram chegar até essa representação. Segundo Schelling, o eu absoluto deste último é o “princípio da finitude.” Por outro lado, a verdadeira infinidade, o “em-si” ou a realidade absoluta está fora dele, portanto, ele mesmo é um nada. Em outras palavras: a filosofia de Fichte descamba apenas em uma infinidade potencial – nitidamente no esforço infinito do eu, ao final da *Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre*. Fichte permanece preso a um finitismo, que, conseqüentemente, resulta de sua falsa – porque subjetiva – abordagem construtivista. A infinidade em si, ao contrário, foi trazida à luz pela primeira vez pela filosofia da identidade em Schelling e em Hegel. No entanto, na medida em que pôs a finitude absolutamente, Fichte tornou-se o precursor da verdade de Schelling: “Só agora, e somente por este mérito, é possível que finalmente desponte o pleno dia da ciência do infinito, a luz sem névoa da filosofia será reconhecida.”¹⁸

Segundo Schelling, a infinidade atual, enquanto esta autorreferência, é mais bem simbolizada na geometria por meio do círculo, que consiste de dois componentes, os quais, no entanto, constituem o círculo inteiro apenas em sua interação: o centro e a periferia.¹⁹ Aquele simboliza o afirmante (*das Affirmierende*), este, o afirmado (*das Affirmierte*), ou, com outras palavras: essência e forma; infinidade e finitude. A infinidade afirmativa é apenas por meio de ambos, assim como ambos são apenas por meio da infinidade: o centro é apenas em relação à periferia (senão ele seria apenas um ponto), a periferia é apenas por meio do centro; sem este, ela avançaria em uma “linha reta”. Por trás disso está a representação de que o centro exerce uma gravidade que circunda o curso da linha ao seu redor (algo como as órbitas elípticas dos planetas). A periferia corresponde à forma na medida em que delimita a figura do círculo; ela é a circunferência (*Umkreis*). Mas esta forma não conduz a nenhuma finitização; pelo contrário, ela contém, através do movimento de retorno-para-si (*In-sich-Zurückgehens*) um infinito atual – enquanto a linha reta só chega ao infinito potencial do e-assim-por-diante (*Und-so-weiter*).

Em sua *Doutrina da Ciência*, Fichte quis, na figura do Eu, tornar a periferia, o finito, em centro. A infinidade da atividade infinita do primeiro princípio torna-se assim uma atividade

¹⁸ No original: “Nun erst und nur durch jenes Verdienst ist es möglich, daß endlich der volle Tag der Wissenschaft des Unendlichen anbreche, das ungetrübte Licht der Philosophie erkannt werde.” SCHELLING. **Propädeutik der Philosophie**. In: *Sämmtliche Werke*, vol. VI, p. 82.

¹⁹ Cf. SCHELLING. **System der gesamten Philosophie**, p. 166–168.

finita, apenas potencialmente infinita: “O idealismo fichteano não põe essa ação em Deus, ele apenas a põe na egoidade (*Ichheit*), não no centro, mas unicamente na periferia. É assim que o idealismo de Fichte deveria ser interpretado se pudesse haver uma periferia à qual falta o centro.”²⁰ A periferia se desvia e se torna uma linha reta que se afasta continuamente para longe do centro, ou seja, de Deus. Schelling já explicara esse afastamento (*Abfall*) de Deus em seu livro *Filosofia e Religião* como a origem do mal: em ambos os casos, um não-ente (*Nicht-Seiendes*), a periferia, é transformado em ente. Pois a periferia não é em si, mas apenas em relação ao centro, portanto um ente relativamente, que é sempre também, ao mesmo tempo, um relativamente não-ente. Quem põe o infinito potencial como existente é, pelo menos teoricamente, mau. Na prática, também, ele sucumbe à (falsa) imaginação, que põe o não-ente (*Nicht-Seiendes*) como sendo (*seiendes*).²¹

Para Schelling, o círculo é a base de todas as construções na geometria, para tanto ele apela para uma antiga autoridade: “O início de toda a geometria é a linha circular; a primeira proposição de Euclides, a construção do triângulo equilátero, só pode ser concebida por meio da mediação da linha circular e através dela e dentro dela.”²² Assim como na geometria todas as formas concretas só podem ser formadas por meio e dentro do círculo, assim também o é a infinidade afirmativa, que só é acessível por meio de uma intuição, a intuição intelectual, e por meio disso se torna condição fundamental de todas as deduções filosóficas, ou melhor: 'construções'. Este é um conceito que Schelling usa entre 1801 e 1804 para apresentação da afirmação infinita. Nas *Fernerer Darstellungen aus dem System der Philosophie* (1802), ele determina a construção filosófica como um método para a apresentação do particular no universal, ou seja, do finito no infinito, o que está em analogia com a geometria, a qual constrói as formas particulares no espaço universal.²³ A forma do infinito, bem como aquela do espaço, ou seja, de sua periferia, em contraste com as coisas concretas, deve ser compreendida de modo diferente: “A coisa concreta *tem* uma forma, o absoluto, porém, *é ele mesmo* a forma, e é nesta relação novamente *amorfo*, na medida em que, literalmente, o amorfo é equiparado ao

²⁰ No original: “Der Fichtesche Idealismus setzt jene Handlung nicht in Gott, er setzt sie bloß in die Ichheit, nicht in das Centrum, sondern einzig in die Peripherie. So mußte man den Fichteschen Idealismus auslegen, wenn das eine Peripherie haben konnte, worin es an dem Centrum fehlt.” SCHELLING. *Propädeutik*, p. 125.

²¹ SCHELLING. *Philosophische Untersuchungen*, p. 156.

²² No original: “Der Anfang aller Geometrie ist die Kreislinie; der erste Satz des Euklides, die Konstruktion des gleichseitigen Dreiecks kann nur durch Vermittlung der Kreislinie und durch sie und in ihr begriffen werden.” SCHELLING. *System der gesamten Philosophie*, p. 166.

²³ SCHELLING. *Fernerer Darstellungen aus dem System der Philosophie*. In: Historisch-kritische Ausgabe, vol. I, 12,1, ed. Ziche, P., e Müller-Lüneschloß, V., Stuttgart-Bad Cannstatt, 2019, p. 131sq.

infinito.”²⁴ Ou em outras palavras: “A absoluta amorfidade é exatamente a forma mais elevada, a forma absoluta, onde o infinito se contém (*sich fassen*) em um finito, sem ser afetado pelos seus limites.”²⁵

A questão da relação da forma absoluta com as formas individuais conduz agora ao centro das discussões de Schelling sobre a infinidade e a finitude: a verdadeira infinidade, que é a infinidade de Deus, contém todas as formas e pode, portanto, também ser descrita como universo (*All*). Isto funda o que é conhecido como o panenteísmo (*Panentheismus*) de Schelling. Em uma discussão mais detalhada sobre a questão de como o universo pode conter tudo, Schelling chega à seguinte conclusão aparentemente paradoxal: “do universo poderia ser dito, não apenas que ele, contendo *todas* as formas, não seria mesmo nenhuma delas *em particular*, mas também que ele, contendo *todas* [as formas], exatamente por isso, não contém *nenhuma*.”²⁶ O finito não se apresenta no infinito como finito, mas apenas como “dissolvido” no infinito. Schelling identifica a figura da dissolução, e conseqüentemente [o modo] como o finito está presente dissolvido no infinito, com as ideias de Platão: “A essencialidade das coisas como fundadas na eternidade de Deus = ideias.”²⁷ O que se deve entender por essencialidade ou ideia de uma coisa e, com isso, sua verdadeira infinidade é mais bem explicado usando o exemplo escolhido por Schelling. O ponto de partida é uma planta concreta. Se eu percebo essa planta como uma planta, então essa percepção é o “conceito da planta intuído com negação,”²⁸ ou seja, eu vejo essa planta, na medida em que eu a vejo, por um lado, como planta, por outro lado, como essa planta concreta, na medida em que eu tenho então o conceito universal da planta e, ao mesmo tempo, sei que essa planta não é completamente adequada ao conceito. Por meio dessa justaposição de conceito universal e coisa concreta é gerada uma oposição de universalidade e particularidade, ou, em nosso contexto: de infinidade e finitude, faltando assim a verdadeira infinidade enquanto unidade de ambos. Uma interação de ambos só pode ser

²⁴ No original: “Das concrete Ding *hat* eine Form, das Absolute aber *ist sich selbst* die Form, und ist in dieser Beziehung wieder *formlos*, inwiefern nämlich das Formlose dem Unendlichen gleich gesetzt wird.” SCHELLING. **System der gesammten Philosophie**, p. 162.

²⁵ No original: “Die absolute Formlosigkeit ist eben die höchste, die absolute Form, wo sich das Unendliche in ein Endliches faßt, ohne von seinen Schranken berührt zu sein.” SCHELLING. **Philosophie der Kunst**. In: Historisch-kritische Ausgabe, vol. II 6,1. Ed. de Binkelman, C., e Unger, D. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2018, p. 193.

²⁶ No original: “von dem All gesagt werden könne, nicht nur, daß es *alle* Formen enthaltend selbst keine davon *insbesondere* sey, sondern auch, daß es *alle* enthaltend eben deßwegen *keine* enthalte.” SCHELLING. **System der gesammten Philosophie**, p. 181.

²⁷ No original: “Die Wesenheiten der Dinge als gegründet in der Ewigkeit Gottes = Ideen.” SCHELLING. **System der gesammten Philosophie**, p. 187.

²⁸ No original: “mit Negation angeschaute Begriff der Pflanze.” SCHELLING. **System der gesammten Philosophie**, p. 184.

alcançada se eu supero, junto à planta, também o conceito universal da planta e vejo nela “mais”, a saber, o próprio universo. Nesta passagem, Schelling interpreta a teoria das ideias de Platão com a ajuda da teoria das mônadas de Leibniz: cada coisa carrega em si, literalmente, em sua essencialidade, todo o universo – ela é, por assim dizer, uma perspectiva de todo o universo. Se desconsidero esta perspectiva, considero a coisa dissolvida no universo, nomeadamente, conforme à sua ideia. Então, qual é a ideia de planta se não seu conceito universal? Resposta Schelling: “O que é o essencial da planta, se não a geração e afirmação infinitas de si mesma.”²⁹

Se, conseqüentemente, eu considero a planta sob este aspecto – portanto, não segundo a espécie da planta, mas *sub specie aeternitatis* – então eu apreendo sua infinidade, que – assim como descrito acima enquanto infinidade afirmativa – se funda na eterna autogeração (autopreservação) e autoafirmação lógico-metafísica (autoposição). Para toda a filosofia de Schelling, que já foi acima chamada de “ciência do infinito”, há a seguinte consequência: “Assim, a filosofia, como a ciência das coisas em si, é necessariamente uma ciência das ideias”³⁰ – portanto, uma forma de platonismo. Em vez de apreender o finito como finito e, com isso, em sua nulidade, ou em seu não-ser, i.e., de considerar as coisas no fenômeno ou na empiria, ela reconduz o finito ao infinito e, assim, alcança o seu verdadeiro ser, o em-si.

Só muito mais tarde, na parte especial de sua filosofia, na filosofia da natureza, Schelling passa a uma discussão sobre a “infinidade empírica” ou negativa: “A infinidade empírica é a falsa ilusão (*Scheinbild*) da infinidade verdadeira ou atual e um mero produto da imaginação.”³¹ Na imaginação, “algo que não é, é visto [...] como algo que é,”³² i.e., neste caso, o finito é considerado enquanto finito, que ainda não é em si (mas apenas dissolvido no infinito), como subsistindo em si ou como infinito. O finito enquanto tal, como “aquilo que é abstraído do universo,”³³ é um não-ser relativo, pois não é em si (relativo ao em-si). Porém, um não-ser relativo é, ao mesmo tempo, um ser relativo: é exatamente o que o conceito de fenômeno (*Erscheinung*) descreve: pois o campo do fenômeno é determinado pelo fato de que aquilo que

²⁹ No original: “Was ist das Wesentliche der Pflanze, als die unendliche Zeugung und Affirmation von sich selbst.” SCHELLING. **System der gesamten Philosophie**, p. 184.

³⁰ No original: “so ist Philosophie als Wissenschaft der Dinge an sich nothwendig Wissenschaft der Ideen.” SCHELLING. **System der gesamten Philosophie**, p. 185.

³¹ No original: “Die empirische Unendlichkeit ist das falsche Scheinbild der wahren oder der aktuellen Unendlichkeit und ein bloßes Produkt der Imagination.” SCHELLING. **System der gesamten Philosophie**, p. 232.

³² No original: “etwas, das nicht ist, angesehen [...] als etwas, das ist.” SCHELLING. **System der gesamten Philosophie**, p. 232.

³³ No original: “das vom All Abstrahirte.” SCHELLING. **System der gesamten Philosophie**, p. 233.

aparece (*der Erscheinende*) não é em si, no entanto, é de alguma forma, caso contrário seria aparência (*Schein*). O ser relativo do fenômeno se manifesta em seu ser em relações: por meio da relação com outros finitos, o finito recebe um ser relativo: aqui se pensa na motivação causal (*kausale Verursachung*): todo finito tem uma causa, por meio da qual ele é. Ele também é determinado por meio da relação espacial e temporal, pois ele só tem seu lugar e tempo em relação a outros lugares e tempos. O finito é o ser relativo, que deve seu ser unicamente às relações com outras coisas; mas por isso precisamente ele não é em si, é um não-ser relativo. A verdadeira infinidade, assim como a essência das coisas, (as ideias) são, ao contrário, independentes desses fatores.

A infinidade empírica surge então, exatamente, quando o ser relativo das coisas concretas é apreendido como ser-em-si, quando o fenômeno é elevado ao ser verdadeiro. Quando, portanto, a partir da relação do finito, simbolizado, p.ex., por meio da adição dos números naturais na sequência numérica “1+1+1.... etc.,” a infinidade empírica aqui expressa torna-se uma infinidade quase-atual. O erro consiste em que algo que não tem em si nenhuma realidade (aqui: os números individuais que estão apenas em relação uns aos outros) torna-se componente constituinte de algo que é em si infinito: ficções (quantitativamente) infinitas devem tornar-se assim uma realidade infinita. Com isso, comete-se o mesmo erro de quando se acredita que a matéria seria constituída a partir da composição de átomos. Este procedimento é falho, não porque a infinidade atual ou a matéria como um todo não exista, mas porque os números naturais ou as menores partículas de matéria não existem – ambos são identidades unicamente relativas. “Aqueles que só conhecem o empiricamente infinito confundem pois também, com este, o *actu infinitum*, e se deparam com contradições, na medida em que querem determiná-lo por meio de conceitos do primeiro.”³⁴

3. *Final matemático*

As últimas considerações citadas de Schelling são decisivas para sua compreensão do infinito na filosofia e na matemática. Como teoria do espaço e do tempo, ou segundo Schelling, como teoria das relações, a matemática só tem a ver com o fenômeno ou com o finito enquanto finito, não com o em-si. Seu objeto são as formas particulares *enquanto tais*, completamente

³⁴ No original: “Diejenigen, welche nur das empirisch Unendliche kennen, verwechseln denn auch das *actu infinitum* damit, und gerathen auf Widersprüche, indem sie dieses durch Begriffe des ersteren bestimmen wollen.” SCHELLING. *System der gesamten Philosophie*, p. 233sq.

abstraídas da realidade (do universo ou da essência), nisso consiste o seu *formalismo*. Este formalismo bem compreendido enfatiza que as formas, assim como consideradas na matemática, não existem como tais, mas tampouco são meras ficções. Em vez disso, elas possuem um ser relativo que, por meio de uma mudança de perspectiva, ou seja, na medida em que se as considera dissolvidas no absoluto, se tornam um ser absoluto no infinito atual. O infinito real não pode ser trazido a uma forma (i.e., fórmula), independentemente de ser descrito como absolutamente amorfo ou como forma absoluta. O único acesso possível a essa infinidade é uma *intuição*, a intuição intelectual, que na filosofia apresenta o pressuposto fundamental do *construtivismo* filosófico.

Para Schelling, as construções filosóficas não são de forma alguma atividades do sujeito humano finito, mas sim a autoapresentação da absoluta totalidade-das-ideias; é nisso que está fundamentado o *platonismo* de Schelling. A propósito, a filosofia de Schelling compartilha essa conexão com o tipo de construtivismo na matemática que pode ser descrito como “objetivismo.”³⁵ Além disso, Schelling aproxima construção e dedução, defendendo uma derivação de teoremas a partir de axiomas evidentes, ou seja, de axiomas acessíveis por meio da intuição – assim como o é defendido também no logicismo e no formalismo na matemática.

De acordo com Schelling, o verdadeiro infinito não consiste em partes e, conseqüentemente, tampouco pode ser considerado um conjunto de subconjuntos (ou números). Disso se difere, como o continuum do conjunto dos números reais: para se ter uma compreensão dos últimos, deve-se pressupor a intuição do primeiro, sem, contudo, poder alcançá-la na construção matemática. O mesmo vale para o espaço infinito na geometria, que pressupõe uma intuição fundamental, que deve ser colocada antes da construção relacional de dimensões ou de figuras concretas. Portanto, embora o infinito na matemática não possa ser construído, ele tem que ser pressuposto como aquilo de que a matemática se desprende: da realidade, para ser puro formalismo; depois, como uma intuição fundamental de toda construção matemática, que nunca pode ser alcançada nesta última. Este último ponto poderia ser introduzido contra o empreendimento do logicismo: todo pensamento requer como base um momento intuitivo que não há de se resolver em pensamento puro; conseqüentemente, nunca se poderá justificar também a matemática a partir de axiomas puramente lógicos – o axioma do infinito de Russell oferece a melhor evidência disso.

³⁵ Cf. BEDÜRFTIG / MURAWSKI. *Philosophie der Mathematik*, p. 118.

Contudo, não apenas a lógica pura, nem mesmo a matemática pode apreender o infinito atual. Antes, ela se constitui exatamente por meio dessa renúncia, enquanto a filosofia, de acordo com Schelling, sozinha encontra o acesso ao absoluto, à verdadeira realidade. Na medida em que a matemática se limita em seu próprio escopo, ela também inaugura uma analogia mais profunda com a filosofia. Pois suas construções produzem, em sua limitação formal, a realidade à qual renunciam. A matemática torna-se assim um *símbolo* da filosofia, conforme é desenvolvido mais precisamente nos manuscritos das preleções do *Sistema de Würzburg*:

A geometria [...] é um verdadeiro símbolo da filosofia. As construções geométricas são símbolos de ideias. Assim, na geometria, o Δ particular é considerado idêntico ao conceito universal de Δ . Na construção da proposição de que todos os 3 ângulos do Δ tomados em conjunto são iguais, por exemplo, o geômetra considera no Δ concreto, tal como ele o tem diante de si, apenas o conceito universal do Δ , dissolvendo o concreto no conceito universal; e, portanto, esse teorema é válido para todo Δ possível. Para o geômetra, o concreto não é nada. Do mesmo modo, ao considerar apenas o universal, o filósofo põe o concreto como nada.³⁶

Por meio de seu formalismo consciente, a matemática – em contraste com as ciências empíricas – não se perde no fenômeno, mas oferece, por assim dizer, uma passagem para um céu das ideias (saudado por Platão!). Com isso, não se deve esquecer que ela fornece meramente símbolos, nomeadamente, fórmulas ou sinais sensíveis, não a coisa, as ideias mesmas.³⁷ Portanto, o círculo, o espaço infinito ou o continuum dos números reais são símbolos do infinito atual, mas apenas se se considera que sua realidade não lhes pertence – um símbolo representa algo que ele mesmo não é, e apenas na medida em que ele o indica, pode representá-lo, ou seja, ser representante. Ter negligenciado isso é o destino, por exemplo, do platonismo lógico de Frege: Não há nenhum reino de ideias de objetos e relações matemáticas (“terceiro reino”). Apenas quando se considera isso, pode-se defender na matemática (para usar a denominação do matemático Paul Bernays) um “platonismo limitado” no interior da matemática, o qual também contém e suporta aspectos do formalismo, do logicismo e do construtivismo.

³⁶ No original: “Die Geometrie [...] ist ein wahres Symbol der Philosophie. Die geometrischen Constructionen sind Symbole der Ideen. So wird in der Geometrie das besondere Δ identisch betrachtet mit dem Allgemeinbegriff des Δ . In der Construction des Satzes, daß alle 3 Winkel des Δ zusammengenommen gleich sind z.B., betrachtet der Geometer in dem Concreten Δ , so er vor sich hat, nur den Allgemeinbegriff des Δ , löst das Concrete in den Allgemeinbegriff auf; und daher gilt dieser Satz von jedem möglichen Δ . Dem Geometer ist das Concrete nichts. Ebenso setzt der Philosoph, indem er nur das Allgemeine betrachtet, das Concrete als Nichts.” **Schellingss System der gesammten theoretischen (Natur) und practischen Philosophie**. Dornach, Rudolf Steiner-Archiv.

³⁷ O conceito de símbolo deve ser aqui interpretado no sentido moderno, não no sentido schellinguiano.

Christoph Binkermann
Bayerische Akademie der Wissenschaften
Kommission zur Herausgabe der Schriften von F.W.J. von Schelling
Christoph.Binkermann@schelling.badw.de

BIBLIOGRAFIA

- BEDÜRFTIG, Thomas, MURAWSKI, Roman. **Philosophie der Mathematik**. 4^a. ed., Berlin e Boston: De Gruyter, 2019
- FICHTE, Johann Gottlieb. **Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre**. In: J.G. Fichte-Gesamtausgabe der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, vol. I/2. Ed. Reinhard Lauth und Hans Jacob. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1965.
- FRAENKEL, Adolf. Der Streit um das Unendliche in der Mathematik. **Scientia**, 38 (1925), pp. 141–152, 209–218.
- FRANK, Manfred. **„Reduplikative Identität“**. **Der Schlüssel zu Schellings reifer Philosophie**. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2018.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Glauben und Wissen**. In: Gesammelte Werke, vol. 4. Ed. Hartmut Buchner e Otto Pöggeler. Hamburg: Meiner, 1968.
- PLOUQUET, Wilhelm Gottfried. **Expositiones philosophiae theoreticae**. Stuttgart: Metzler, 1782.
- SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph. **System der gesamten Philosophie und der Naturphilosophie insbesondere**. In: Sämtliche Werke: Ed.: Karl Friedrich August Schelling. Vol. VI. Stuttgart e Augsburg: Cotta, 1860.
- SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph. **Propädeutik der Philosophie**. In: Sämtliche Werke, Bd. VI.
- SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph. **Philosophie der Offenbarung**. In: Sämtliche Werke, Bd. XIII.
- SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph. **Philosophie der Kunst**. In: F.W.J. Schelling. Historisch-kritische Ausgabe der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, vol. II 6,1.

Ed. de Christoph Binkelman und Daniel Unger, Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2018.

SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph. **Philosophische Untersuchungen über das Wesen der menschlichen Freyheit und die damit zusammenhängenden Gegenstände.** In: *Historisch-kritische Ausgabe*, vol. I 17. Ed. Christoph Binkelman et. al. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2018.

SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph. **Fernere Darstellungen aus dem System der Philosophie.** In: *Historisch-kritische Ausgabe*, vol. I 12,1. Ed. Paul Ziche e Vicki Müller-Lüneschloß. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 2019.

SPINOZA, Benedict de: **Die Ethik nach geometrischer Methode dargestellt.** Ed. Rudolf Schottländer, Hamburg: Meiner, 1967.